

A LÍRICA DE IMIGRANTES PORTUGUESES NO BRASIL MERIDIONAL (1832-1922)

Artur Emilio Alarcon Vaz

Este trabalho intenta avaliar, brevemente, a contribuição poética de imigrantes portugueses no Rio Grande do Sul nos primeiros cem anos após a independência política da metrópole portuguesa. Minha hipótese inicial é de que esse grupo de autores produziu uma literatura intervalar entre a portuguesa e a brasileira (ou a sul-rio-grandense), deixando rastros de sua nacionalidade em seus textos escritos e publicados no Brasil. A importância de estrangeiros na constituição do sistema literário sul-rio-grandense é expressa por diversos autores gaúchos, como Carlos Dante Moraes (1959, p. 135), Guilhermino César (1971, p. 22) e Mário Osório Magalhães (1993, p. 264). Após estudos iniciais, obtive o nome de sete imigrantes que se estabeleceram nas cidades de Rio Grande e Pelotas e que nessas cidades publicaram poemas no século XIX: Albino Costa, Antônio José Domingues, Francisco Guilherme Pinto Monteiro, João Gualberto Silvino Vidal, Joaquim Carlos de Almeida, Joaquim Azevedo Júnior e José Antônio Rocha Galo.

Pensar como se pode localizar essa poesia nos contextos da literatura portuguesa e brasileira leva naturalmente à problematização dos conceitos de nacionalidade comumente usados, já que a identidade de imigrantes-autores se interpõe à divisão clássica de nacionalidade num período em que o Brasil ainda buscava definir o seu conceito de brasilidade, seguindo assim o caminho traçado por Reinaldo Marques (1998, p. 51), que evidencia que a poesia – e não só a narrativa – também é importante na construção e na consolidação da identidade nacional. A grande maioria dos poemas foi escrita numa época em que originalidade e nacionalidade eram privilegiadas na avaliação crítica da literatura.

Essa idéia é reforçada pelo dualismo exposto por Eulália Lobo na visão do imigrante português: “As fontes literárias [portuguesas] tratam do imigrante de forma mais individualizada, do seu meio de origem, de suas expectativas, de sua experiência, do seu perfil humano, de sua auto-imagem. (...) As fontes literárias [brasileiras] frequentemente apresentam uma visão negativa do imigrante” (LOBO, 2001, p. 12).

Foi instigante, pois, pensar em qual visão se encaixariam os poemas feitos pelos portugueses residentes no Brasil. Fica, então, a dúvida sobre como atuavam esses poetas, se havia diferenças ou semelhanças com o padrão estético aceito então no Brasil e/ou no estado gaúcho. Dentro dessa produção poética feita pelos portugueses que moravam no sul do estado, pude estabelecer a existência de três atitudes frente à cultura local, sendo tais atitudes uma das possibilidades de recorte para análise do *corpus* aqui privilegiado.

A primeira atitude foi denominada refração da cultura local – onde foram incluídos textos que negam a cultura brasileira e/ou exaltam a cultura portuguesa –, sendo exemplificada em poemas que defendem Portugal ou tematizam seus personagens históricos. O nacionalismo português desses autores torna-se opaco ao se verificar que há a defesa de uma terra com a qual tiveram pouco contato, já que muitos estabeleceram-se desde cedo no Rio Grande do Sul, onde acabaram por casar, ter filhos e morar até a morte.

A refração da cultura local é exemplificada em poemas de Rocha Galo e Pinto Monteiro, que defendem Portugal, numa resposta ao “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias. Ambos os poemas trazem o título de “Minha terra” e revelam a saudade da terra natal de um português residente no Brasil, denunciando a presença de um nacionalismo português dentro do território brasileiro. Percebe-se aqui uma refração parcial, já que o uso de um poema brasileiro é, também, um índice de assimilação da cultura local.

Rocha Galo publica seu poema preocupando-se principalmente em indicar que, apesar das diferenças, a natureza, tanto de Portugal como do Brasil, é grandiosa. Seguindo essa ideologia, o eu lírico torna evidente, já no primeiro verso, a terra que irá defender: "Portugal é minha terra" (VAZ, 2006, p. 202) e, nos versos seguintes, usa o sabiá e a palmeira como símbolos brasileiros, comparando-os ao rouxinol e aos vergéis, os equivalentes portugueses. A adjetivação ufanista baseia-se em elementos da natureza comumente presentes no Romantismo, restringindo-se por vezes a elementos caracterizadores da natureza européia, como o “olmeiro” (VAZ, 2006, p. 206), e por vezes repetindo os elementos também usados por Gonçalves Dias, como os “bosques verdejantes” (VAZ, 2006, p. 212).

Se Rocha Galo torna evidente que não há em Portugal sabiá ou palmeira, mas que há sim o "saudoso rouxinol" (VAZ, 2006, p. 211), equilibrando as belezas existentes na natureza lusitana e na brasileira, Pinto Monteiro expõe que: “Não há terra mais formosa/ Do que aquela em que nasci./ Tem rouxinóis que descantam” (VAZ, 2006, p. 202). Portanto, esses dois poemas produzidos pelos imigrantes portugueses estabelecem diálogos intertextuais com a “Canção do exílio” numa linha fortemente ufanista através da oposição entre os dois países, igualando-se, nesse elemento, àquilo usualmente feito por autores românticos brasileiros canonizados. Outro poema que se apóia na composição gonçalvina é “Rouxinol”, de Albino Costa. Nele, o eu lírico conversa com um rouxinol – pássaro tipicamente europeu – recém-chegado ao Brasil, identificado através da Guanabara e por ser o país do sabiá e dos palmars.

Uma segunda forma de os portugueses procurarem manter-se fiéis à terra natal foi feita através de poemas encomiásticos. Antônio José Domingues usou o recurso em “Ao jovem monarca D. Pedro V” e “Epicédio”, este dedicado à memória da rainha lusa Estefânia, e Azevedo Júnior fez o mesmo em “À memória do grande historiador Alexandre Herculano”, “O Marquês de Pombal” e “A Luís de Camões”. A refração da cultura brasileira igualmente se dá em “A Epopéia do Mar”, de Albino Costa, em que são narradas as grandes navegações e a "primeira nave portuguesa mergulhadora construída em Portugal por portugueses" (COSTA, 1922, p. 33). Uma terceira forma de refração, mais sutil, é a escolha temática do estrangeiro, escolha sintomática para um imigrante, como ocorre tanto em “O estrangeiro”, de Azevedo Júnior, como em “A volta à casa”, de Albino Costa. Ambos os textos cedem voz a um estrangeiro errante e nômade, sem explicitar diretamente o motivo da saída da terra natal.

Mais sutil ainda, talvez muitas vezes de forma inconsciente, é a utilização de vocábulos característicos de Portugal – os lusitanismos – e que são raramente usados na literatura sul-rio-grandense e/ou brasileira no século XIX. O exemplo mais forte desse tipo é a presença do olmeiro – árvore própria da Europa e ausente nos trópicos – no poema “Chorar!”, de Rocha Galo. Outro detalhe é a utilização de referenciais europeus na descrição da primavera, ligando-a aos meses de maio e abril, que ocorre em diversos poemas de Azevedo Júnior. Em “Dormindo” e “No quarto”, ambos desse autor, observa-se outra sutil ligação à cultura literária européia, através do uso de cotovia.

A utilização desses vocábulos – ligados à cultura européia – não se manifestava mais em poetas brasileiros românticos, pois denotavam uma falta de nacionalismo e a manutenção de valores europeus, características que eram renegadas pelos românticos. A permanência desses termos no *corpus* selecionado pode revelar uma refração da cultura brasileira, mesmo que de forma delicada. Muito mais do que simplesmente desviar-se da cultura local, os poemas analisados nesse segmento expressam diversas formas de negar espaço para a assimilação da cultura local, mantendo fiel a um estilo poético lusitano.

O segundo caminho traçado pelos poetas imigrantes é o da assimilação da cultura local, que ocorreu, por exemplo, com Antônio José Domingues, ao publicar o livro *Coleção das poesias ao muito alto D. Pedro II*, cujos poemas centram-se na guerra contra o ditador argentino Rosas (1852). O livro não só usa o tema brasileiro, como pode ser considerado um dos livros que ajudaram na fundação, construção e na consolidação da identidade nacional, tão necessária nos decênios seguintes ao 1822, pois “o mero estabelecimento de um Estado não é suficiente, em si mesmo, para criar uma nação” (HOBSBAWN, 1990, p. 93).

Anteriormente, o poeta já havia publicado outros textos sobre a situação política brasileira, no qual se destaca “No faustíssimo e memorável dia Sete de Setembro”, assim como “A saudosa memória do Cor.^{el} Albano d’Oliveira Bueno” e “Soneto”, estes dois sobre a Revolução Farroupilha sob a ótica dos legalistas. Essas composições comprovam o interesse de um imigrante português cuja obra é publicada no Brasil e tematiza essa terra adotiva, num processo de assimilação frente à cultura local, revelando assim a mobilidade do conceito de nacionalismo no século XIX, já que o autor buscou provavelmente proteger-se através de um sistema de autodefesa, possível para a época, ao manifestar sua brasilidade.

Pinto Monteiro segue o caminho da assimilação ao publicar os poemas “Ao meu amigo Felinto Perry” e “Salve!”, comprovando assim a mobilidade dentre essas opções, já que tanto o título do primeiro, como o subtítulo do segundo – “Ao meu amigo Lobo da Costa” – ratificam uma relação mais próxima com personagens gaúchos do que o seu poema anteriormente referido “Minha terra”. O primeiro poema é dedicado ao tenente rio-grandino Felinto Perry (1844-1892), condecorado por sua participação na Guerra do Paraguai. Rocha Galo, de forma semelhante, usa de personalidades locais para evidenciar a diferença entre o velho e o novo mundo, como no poema “Criança”, dedicado a um jovem pianista, Maurício Dengremot. A afirmação de sua genialidade (cultura) é baseada no ambiente (natureza) em que vive, fazendo com que a terra brasileira sirva de fonte de motivação para o elogio ao “filho dos gênios das florestas” (VAZ, 2006, p. 218).

Outro poema que dá nuança de assimilação, mas sem citar explicitamente o Brasil é “No ermo”, de Silvino Vidal. Em meio a um ambiente sombrio, o eu lírico inclui o suspiro de uma “triste araponga” (VAZ, 2006, p. 103), ave tipicamente brasileira, e que sua melancolia seria decorrente do afastamento desse eu lírico da terra natal. O mesmo se dá em “Num álbum”, de Rocha Galo, ao relatar como “é triste a natureza deste ermo”, onde “nem canta o sabiá” (VAZ, 2006, p. 203).

Azevedo Júnior é mais um poeta que seguiu esse caminho, ao tematizar o aniversário da Sociedade Partenon Literário e também do poema “*Tenebra et lux*”. Esse texto faz ver como “era lúgubre a história” de quando, “em meio da senzala”, “ouviam-se o chicote e o som das gargalheiras”. Em meio a sentimentos de vingança, causada pelo “fero despotismo”, “Chegada foi a hora. Ergueram-se alguns bravos./ Vencera-se a batalha. E a frente dos escravos/ Inunda-se de luz – a luz da LIBERDADE!” (VAZ, 2006, p. 196).

Assim, o soneto poderia ser lido naturalmente como um poema antiescravagista, mas um dado externo modifica substancialmente a primeira leitura. O fato de o poema ter sido publicado em 7 de setembro evidencia que a senzala era o Brasil, o dono do chicote era Portugal e que “alguns bravos” foram os que promoveram a independência e inundaram o Brasil de liberdade. Embora não elimine a leitura antiescravagista, a data torna evidente a assimilação da cultura local, em que a Independência Brasileira é louvada por um português.

Assimilação é atitude presente também no livro *Cedrim*, de Albino Costa, através, por exemplo, de “Nova pátria”, que apresenta, sem nomear explicitamente, o Brasil como um “país grandioso” que “a raça lusa conquistara/ Para seus filhos” (COSTA, 1915, p. 97). Ao contrário de Antônio José Domingues, Albino Costa escreve em Portugal para ser lido por portugueses, tanto que não publica novamente esse poema após seu retorno ao Brasil, fato que acontece com diversos outros poemas constantes em *Cedrim*, confirmando como essa assimilação é mais forte do que a vista nos outros poetas aqui analisados.

Albino Costa tem ainda duas composições publicadas em jornais gaúchos com traços de assimilação: “A Lobo da Costa” e “A Eloah”. Se o primeiro poema pode ser visto como uma composição laudatória após a morte de Lobo da Costa, o segundo, ambientado no espaço do pampa, cita dois de seus traços fundamentais: o churrasco e o chimarrão, constituindo-se no único poema com traços regionalistas em todo o *corpus* coletado. Esses traços, elementos comuns nos textos dos poetas românticos nascidos no Rio Grande do Sul, são raros nos poetas selecionados, que, mesmo promovendo poemas de louvor a heróis e/ou entidades brasileiras, pouco se aproximaram da temática regionalista do personagem pampeiro.

Esses traços regionalistas foram os pontos fundamentais para o estabelecimento do cânone dos historiadores de literatura gaúcha e é lícito pensar que a ausência desses traços seja o principal fator de exclusão dos poetas aqui analisados, já que todos – em medidas diferentes – tiveram reconhecimento de sua qualidade artística entre seus contemporâneos.

O terceiro tipo de atitude – a hibridização – pode ser percebido em Albino Costa no poema “A epopéia do Azul”, que louva a primeira travessia aérea do Atlântico Sul, realizada em 1922 pelos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Nesse poema, o primeiro do livro *As epopéias da raça*, são ampliados os limites geográficos desses países, criando um novo país, com novos limites geográficos: do rio Uruguai, localizado no extremo sul do Brasil, ao rio Minho, localizado no extremo norte de Portugal. Mais adiante, essa união é retomada, sendo agora expressa pelos limites geográficos da foz do Minho à do Chuí ou pela visão do rio português Tejo e da constelação da Grande Ursa, que só é vista no hemisfério norte, que se opõem à carioca Guanabara e ao Cruzeiro do Sul, constelação visível só no hemisfério sul.

De forma semelhante ao dito por Guilhermino César (1969, p. 229) ao abordar os jornais farroupilhas, os poemas aqui coletados podem até carecer isoladamente de valor, mas em conjunto são significativos ao mostrarem que a produção dos poetas escolhidos possui diferenças primordiais do cânone sul-rio-grandense. Assim, a pesquisa acabou por revelar uma faceta inusitada da poesia escrita e publicada no estado gaúcho. As histórias literárias que buscam representar uma unidade nacional tendem naturalmente a evitar as vozes dos imigrantes, que pretendem inserir uma voz destoante do conjunto nacional ou regional. O Brasil, um típico país de imigrantes, tem obviamente manifestações literárias desses grupos que devem ser pesquisadas. Tal obliteração tem ocorrido não só com os imigrantes portugueses, mas também com outros de diversas nacionalidades.

Os poemas recolhidos são ícones de uma fuga do dualismo já exposto por Eulália Lobo, pois retratam o imigrante português de forma mais individualizada e com auto-imagem mais positiva, assemelhando-se às fontes literárias portuguesas e distanciando-se, então, da visão negativa do imigrante. Dessa forma, a absorção da brasilidade não ocorreu nos autores analisados de forma semelhante ao que era propagado pelo Romantismo gaúcho, estabelecendo um viés contrário da faceta sempre divulgada de um regionalismo superlativo das qualidades do habitante do pampa sulino. O *corpus* avaliado exhibe poetas que estavam preocupados muito mais com outros temas do que com idolatrar o gaúcho, que se tornou o padrão estético amplamente registrado pelas histórias literárias e o simples fato de fugirem a este marco totalizante, insistentemente registrado nas histórias regionais, por si só, confere importância a estes poetas, assim como à reunião e à análise de suas produções.

Pinto Monteiro, Rocha Galo, Silvino Vidal e Azevedo Júnior atuaram no período em que o governo de D. Pedro II é contestado e deposto, mas quase não produziram poemas de cunho político, isentando-se de temas e problemas contemporâneos, ligados, por exemplo, à Abolição da Escravidão ou à Proclamação da República, ou mesmo sobre eventos distanciados no tempo, como a Independência, diferenciando-se assim da produção lírica do clássico Antônio José Domingues. Desse quarteto, só há um poema publicado (o citado “*Tenebra et lux*”) nas comemorações do 7 de setembro, ao contrário do habitualmente visto na literatura gaúcha e na literatura brasileira em geral.

Por exemplo, Regina Zilbermann (1992) propõe uma divisão da literatura do final do século XIX em uma linhagem romântica e outra regionalista. Nessa primeira linhagem, constam textos intimistas e poemas de caráter nacionalista. Dessa forma, a produção lírica dos imigrantes portugueses só poderia estar incluída na primeira parte, pois os poemas reproduzidos pela autora são muito mais de caráter regionalista, revestindo-se de um tom antimonárquico e elogioso à bravura dos que lutaram pelo Império e nada receberam em troca. Não há reprodução – ou mesmo citação – de textos que se empenhem em unir a nação brasileira, numa tentativa de fundação do ideário de nacionalidade. A percepção é de que a escolha ocorreu de forma a reforçar produções que singularizassem a literatura gaúcha, criando uma aura de que os literatos locais não produziam poemas e contos nacionalistas semelhantes aos do centro do país.

Ler – sem intermediários – a literatura produzida no Rio Grande do Sul no século XIX é uma forma de buscar entender como se deu a canonização de autores, como Lobo da Costa, e de obras divulgadas no período e perceber a construção do imaginário em torno de alguns personagens históricos, já que essa vertente não é reproduzida nas histórias literárias. É recuperando poemas nas fontes primárias que se entende a construção da nacionalidade brasileira através de autores como Gonçalves Dias ou Castro Alves e de personagens como D. Pedro II ou Duque de Caxias, pois o ideário de nação não se deu somente entre os brasileiros, mas também foi construído pelos portugueses imigrados que poetavam sobre a terra que adotaram, mesmo que muitas vezes de forma ambígua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CÊSAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971.
- COSTA, Albino. *Cedrim*. Lisboa: José Bastos, 1915
- COSTA, Albino. *As epopéias da raça*. Rio de Janeiro: O Farol, 1922.
- HOBSBAWN, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *Imigração portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2001.

MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: EDUFPEL, 1993.

MARQUES, Reinaldo. *Poesia e nacionalidade*. In MARQUES, Reinaldo; BITTENCOURT, G. N. *Limiares críticos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998, p. 51-63.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS/IEL, 1978.

MORAES, Carlos Dante. *Figuras e ciclos da história rio-grandense*. Porto Alegre: Globo, 1959, p. 179-205.

VAZ, Artur Emilio Alarcon. Portugal no sul do Brasil: intertextos da "Canção do exílio". *Revista Letras*, Curitiba, n. 59, p. 225-237, jan./jun. 2003.

VAZ, Artur Emilio Alarcon. *A lírica de imigrantes portugueses no Brasil meridional (1832-1922)*. 2006. Tese (Doutorado em Literatura comparada). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no RS*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.